

Carta aberta

Não reparas, meu caro Antero Sales,
O modo familiar como te trato;
A mim somente é grato,
O offeito a penhorosa paz dos vales,
Servir-me da maior sinceridade
Para contigo; e pois,
Que essa etiqueta, toda de cidade,
Não se ponha para ao nosso campo cheio
De verdura, de passaros em vôo,
- Onde a terra inteira regorgita
De Siva. Além, de queda em queda, o choro
Daqua que corre... É esse vicio daqua,
Longe de ser uma expressão de magoa,
É a vida que palpita,
Partheisticamente irrebrante,
A mata cheira... É o mata embriagante,
Prorbe de uma floração de varias cores,
Acolhe no seu seio os beija-flores,
Em busca, em pata do seu doce beijo,
Que mata de desejo,
Formando tudo, tudo praxeiteiro
A qualques alma, humana ou vegetal
Como as dozes pisadas de crystal
Do Belro de Jeruqueiro.
Na cidade se vive de artificios
Alimentando o vicio,
O jogo, os cabarets, onde se aprende
Um palanfiorio fraco de piegas
Que ao paladar offerde
Como o vicio ordinario das bodegas.

Preferindo-se toda essa vileza
Pelos cousas mais santas da natureza,
Onde se bebe o verdadeiro amor,
Até' muscos no calice da flor,
Onde insectos se casam plenamente,
Sem tentação nenhuma para o crime,
Porque o amor é a coisa mais sublime,
É a luz, e o sol desluz bradouramente,
O sol fequido, o sol intelligencia,
Maravilhoso drama,

Que sobre nós, que em tudo se derrama -
- Deus - a grande aridez da existencia!

Eis tudo; e além de tudo se profana

A natureza - mãe piedosa e boa -

Não sei porque, se ella não nos magoa,
É della todo o nosso bem diuina.

Maldizer de quem morre a propria sorte
É puro engano; não existe morte,

Pois tudo se transforma,

Muda apenas de forma:

É massa alluvião de atomos que passa,

Na transitoriedade da fumaça

higeira, que em segundos se destroe

Nos nossos olhos, adiante reaparece

É um corpo que apodrece,

Em vida embryonaria se constrói.

Gosto do campo, exuberante da flora.

Corre muito o pensamento a Pirapora,

E voa como um passaro, depressa,

Para ás musas fazer uma promessa,

Dual seja a de escrever versos um dia,

A' luz da phantasia.

Todo um poema sonhar

Que assim pudesse em magicos scismas
Cantar, em rimas de ouro, os verdes mares
Da terra de Alucan.

De lá me veio a plastica precisa,
A doce inspiração, a ideia viva,

A ideia que fulgura
E que, ja nunca, aqui se concretiza,
Porque a perna captiva,
Por mais que se liberte da tortura,

Soffre duras reverses,
Numa xiphopagia de Scaevales,
Prisa, supita a rebeldia crassa
Que esmagou, que aviltou toda uma raça.
Maldicto captivo!

Insisto; e a um novo esforço, pouco a pouco,
A perna se reanima, e no tinteiro,
De praxer quasi louco,
Bocho-a, mergulho-a nesse negro banco,
Pulso, divago, escrevo,
Com a simplicidade com que apaucho
Uma folha de trevo.

Bravo! Judo saxona. No arrotêdo,
Acorda o passarêdo
Numa parca marivosa,

Hymnos de amor cantando a primavera
Do casulo a sair como urna rosa
hoira, para a existencia que lhe espera.

Bemdigo o amor, a synthese do mundo;

O verde mar profundo
Uma tambem, beijando a branca praia,
- a praia que por si só vale um poema

Fallando a mesma lingua da ^{gandain} Fracassa.

Adieu! Encosto a lyra, arde-me o peito.

Longe de minha Terra. E contrafeito,
Choro na intermidade do meu ser,
Friso, bem sei, por não poder viver
A vida alegre que vivi na infancia,
Cheia daquelle mais doce ignorancia
Sou a mão do tempo, desgraçada e bronca,
Anniquilla, destroa, mata e derriba,
Como a margem do rio Parahyba,
As arvores que a enchente ultriz destroua.

Fortalez, 8 de Junho de 1922

Arnoldo Baptista